



Aponte a câmera do celular para o QR Code e veja o momento do ataque israelense contra o quartel-general do Hezbollah, em Beirute



Veja relato da brasileira Sara Ali Melhem, moradora de uma cidade ao lado de Beirute, que sentiu o impacto do bombardeio ao QG do Hezbollah

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



ORIENTE MÉDIO

Fotos: Redes sociais



Alvo: o líder do Hezbollah

Aviação israelense destrói o quartel-general do movimento xiita, em Beirute, e arrasa quarteirão com bombas antibunker. Morte do xeque Hassan Nasrallah representaria golpe sem precedentes no grupo. Ataque lança região à beira do abismo

» RODRIGO CRAVEIRO

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, tinha acabado de defender o direito de eliminar o movimento xiita libanês Hezbollah e de ameaçar o Irã, em seu discurso na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Por volta das 11h30 em Nova York (18h30 no Líbano), ele se preparava para responder a perguntas de jornalistas israelenses, quando um assessor militar cochichou algo em seu ouvido. Netanyahu cancelou o compromisso, se retirou da sala e antecipou o retorno a Jerusalém. A aviação israelense lançou bombas antibunker contra o quartel-general da milícia, no distrito de Dahiyeh, na região sul de Beirute, e destruiu seis prédios.

Autoridades israelenses anunciaram que o alvo do ataque foi o xeque Hassan Nasrallah, 64 anos, líder máximo do Hezbollah desde 1992. Até o fechamento desta edição, não havia confirmação sobre se Nasrallah morreu durante o bombardeio. As Forças de Defesa de Israel (IDF) estimam em pelo menos 300 o número de mortos no ataque aéreo. Na madrugada de hoje (hora local), a Força Aérea israelense eliminou Muhammad Ali Ismail, comandante da Unidade de Mísseis do Hezbollah no sul do Líbano, e seu vice, Hussein Ahmad Ismail, além de outros comandantes e operativos do grupo.

Uma fonte ligada ao movimento informou à agência Reuters que a cadeia de comando da milícia está incomunicável. Sem mencionar

Ibrahim Amro/AFP



Socorrista combate fogo entre escombros de um dos seis prédios atingidos, no bairro de Dahiyeh: paradeiro de Nasrallah (foto menor) é incerto

Nasrallah, Ali Larijani — conselheiro do aiatolá Ali Khamenei, líder supremo do Irã — afirmou: “A resistência tem líderes e quadros fortes, e cada líder martirizado será substituído”. O premiê do Líbano, Najib Mikati, também encerrou as reuniões bilaterais à margem da Assembleia Geral e embarcou para Beirute. Antes, acusou Israel de realizar uma “guerra genocida”. “A nova agressão demonstra que o inimigo israelense despreza os esforços internacionais em vistas de um cessar-fogo”, declarou. Horas depois do bombardeio sem precedentes à capital libanesa,

o Hezbollah lançou dezenas de foguetes contra o norte de Israel. Um projétil caiu sobre uma casa na cidade de Safed, a 12km da fronteira com o Líbano. Uma mulher se feriu. À 0h38 de hoje (18h38 de ontem em Brasília), a farmacêutica paranaense Sara Ali Melhem, 30 anos, moradora de Bmikin, cidade em uma região montanhosa de onde se tem uma visão panorâmica de Beirute, avisou ao **Correio**: “Acabaram de bombardear”. Pouco depois, a agência France-Press informou que Israel atacou um depósito de armas do Hezbollah. À 1h (hora local), houve mais três

explosões. Sara contou que o ataque massivo contra o QG do grupo ocorreu às 12h20 (18h20 no Líbano). “Foi muito forte. O nosso prédio tremeu. As crianças estavam sentadas à mesa, desenhando. Estão traumatizadas e choram. Os aviões jogaram dez bombas.” Habib C. Malik, professor de história aposentado da Universidade Libanesa Americana (em Beirute), disse ao **Correio** que o Hezbollah está longe de ser uma força esgotada. “Eles começaram a retaliar o golpe massivo. Mas se sua morte for confirmada — e parece cada vez mais provável que

ele não esteja mais conosco —, o perigo é que seus apoiadores inundem as ruas daqui de Beirute, destruam bens, tomem posse de propriedades e perpetrem violência. O Exército libanês está se posicionando, em antecipação a tal cenário”, comentou. “Israel pode aproveitar essa oportunidade e lançar uma invasão terrestre para acabar com o Hezbollah.” Para Malik, o Irã não deverá escalar o conflito. “O que aconteceu, se confirmado, é, sem dúvida, uma grande mudança de jogo na região; no entanto, o Irã, no final, se importa, primeiro, consigo mesmo”,

observou. “Seus representantes no Oriente Médio (Hezbollah, milícias iraquianas, separatistas iemenitas huthis) foram criados para servir aos interesses de Teerã, e não o contrário. No entanto, o ataque de hoje (ontem) é um aviso tanto para o Hezbollah quanto para o Irã: ‘Podemos pegar vocês em qualquer lugar e hora’. O chamado Eixo da Resistência foi efetivamente derrotado.”

Analista político e de segurança em Beirute, Ali Rizk destacou a importância estratégica do bombardeio ao QG do Hezbollah. “Ele mostra como Israel demonstrou imensas capacidades de inteligência, que representam uma ameaça grave e sem precedentes ao Hezbollah. Não temos certeza se o ataque minará o poderio militar do Hezbollah. O que resta saber é se Israel teve sucesso meramente tático ou se terá resultados mais estratégicos”, disse à reportagem.

Nações Unidas

O discurso de Netanyahu na ONU foi recebido com um gesto de protesto. Vários delegados, incluindo os do Líbano e dos Territórios Palestinos, deixaram a sala. A delegação brasileira abandonou o local antes que o premiê fosse chamado e retornou ao fim do discurso. “Depois de ouvir as mentiras e calúnias lançadas por muitos dos oradores neste pódio, decidi vir aqui e esclarecer as coisas”, avisou. “Enquanto o Hezbollah escolher o caminho da guerra, Israel não terá opção. (...) Tenho uma mensagem para os tiranos em Teerã: se vocês nos atacarem, nós atacaremos de volta.”

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Em busca de rotas no Oriente Médio

A presença do presidente Lula e do chanceler Mauro Vieira na Assembleia Geral da ONU, ao lado do assessor especial Celso Amorim, deu a largada para a abertura de entendimentos complexos — e essenciais — que facilitem a saída dos cidadãos brasileiros residentes no Líbano. Na iminência de uma guerra aberta entre Israel e o movimento xiita Hezbollah, começa a montagem de uma operação pontuada de desafios diplomáticos e logísticos: trata-se de um contingente de mais de 20 mil candidatos potenciais à repatriação.

A escala de grandeza do público envolvido contrasta claramente com a retirada dos brasileiros radicados em Gaza e em Israel, a partir dos ataques lançados pelo movimento islâmico Hamas em 7 de outubro passado. Sobressaía, ali, a condição geográfica e política do território palestino, cercado: só com o acordo do governo

israelense era possível atravessar a fronteira para o Egito.

Embora ainda condicionado pelas reverberações da recente guerra civil, o cenário na Síria faz do país uma rota para a saída do Líbano, com mais de uma opção. O sucesso da operação requer, além de estrutura complexa, uma leitura aguda da situação de momento no terreno para a definição dos procedimentos.

E, assim como um ano atrás, a execução dos planos passa por um trabalho diplomático discreto e persistente que torne os caminhos transitáveis o quanto possível.

Conversar é preciso...

Não por acaso, foi com o novo colega sírio que o chanceler brasileiro manteve um de seus principais encontros paralelos durante a Assembleia

Geral. Se o Planalto tem protagonizado a formulação e expressão pública da política externa, caberá ao Itamaraty colocar em prática a retirada, com apoio da Defesa.

No caso do Líbano, a cooperação do governo sírio é decisiva para assegurar passagem rápida e segura dos comboios. A rota terrestre mais direta é pela estrada que liga as capitais, Beirute e Damasco. Um percurso da ordem dos 100km, ao fim do qual se encontram condições mais próximas do normal para hospedar e embarcar os repatriados.

A parte inicial do processo, no entanto, se encontra no território libanês, em estado de pré-guerra. Os 20 mil brasileiros não se confinam em Beirute. Estão presentes, também, em regiões como o sul do país e o Vale do Bekaa, dois alvos primordiais dos ataques israelenses, desde já. E, com os bombardeios se

sucedendo também sobre a capital, o primeiro passo da retirada dos cidadãos é organizar seu deslocamento a partir de onde se encontram agora.

...com uns e outros

É nesse ponto que se apresenta à diplomacia brasileira o desafio de estabelecer canais adequados com Israel. De maneira crítica, para ter informação confiável sobre janelas de oportunidade para movimentar com segurança os cidadãos em direção à Síria. A missão se torna tanto mais delicada no marco atual das relações bilaterais.

Em meados do ano, ao fim de uma sequência de atritos em torno da condenação veemente aos ataques de Israel em Gaza, Lula retirou de Tel-Aviv o embaixador brasileiro, peça-chave nas difíceis negociações para a saída dos brasileiros do território palestino. A situação não é exatamente a mesma, agora, mas demandará uma aproximação com as autoridades israelenses, justamente quando o

premiê Benjamin Netanyahu acentua a inflexão à direita e aposta na prorrogação e extensão do conflito.

Terceira via

Outro encontro paralelo de peso para a agenda brasileira — este, de âmbito multilateral — foi a apresentação formal da proposta conjunta com a China para uma saída negociada da guerra na Ucrânia. Diante de representantes de duas dezenas de países, quase todos do campo do Brics, coube ao ex-chanceler Celso Amorim representar o presidente. Foi o assessor especial do Planalto que firmou o documento pelo Brasil, durante visita a Pequim.

Antes mesmo da reunião, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, reiterou sua recusa à “terceira via” tentada pela dupla do Brics para estabelecer o diálogo entre Kiev e Moscou. Discursando para o plenário, Zelensky pôs em dúvida as intenções de Lula e do colega Xi Jinping, em termos duros: “Vocês não vão aumentar seu poder à custa da Ucrânia”.